

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS E USOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DE *ALIÁS* - UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

MORPHOSYNTACTIC ASPECTS AND SEMANTIC-PRAGMATIC USES OF *ALIÁS* - AN USAGE-BASED ANALYSIS

Ivo da Costa do Rosário

Universidade Federal Fluminense/Faperj
rosario.ivo3@gmail.com

Nice da Silva Ramos

Universidade Federal Fluminense
nicesramos1@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo apresenta um estudo de propriedades funcionais dos usos sincrônicos de *aliás*, com foco em aspectos morfofossintáticos e semântico-pragmáticos. Utilizamos o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), aliada à Linguística Textual (LT). Nossa hipótese central é que esse elemento gramatical é marcado por expressiva multifuncionalidade. O *corpus* é constituído de 30 dissertações de mestrado e 30 teses de doutorado em Letras Vernáculas, defendidas na UFRJ, nos anos de 2014, 2015 e 2016. Nas 214 ocorrências coletadas de *aliás* com valor inclusivo, os resultados apontam que esse elemento gramatical é utilizado em seis diferentes posições: *inicial absoluta entre períodos, inicial absoluta entre parágrafos, inicial não absoluta, intermediária intraclausal, intermediária interclausal e parentética*. Com relação aos valores semântico-pragmáticos de *aliás* inclusivo, atestamos três usos mais gerais: *inclusão de argumento; inclusão e propulsão e inclusão e realce*.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso, multifuncionalidade, *aliás*.

ABSTRACT:

This paper presents a functional study of synchronic uses of *aliás*, with focus on its morphosyntactic and semantic-pragmatic aspects. We use the theoretical contributions of Usage-Based Functional Linguistics (LFCU) allied to Textual Linguistics

(LT). Our central hypothesis is that this grammatical element is marked by expressive multifunctionality. The *corpus* consists of 30 master's dissertations and 30 doctoral theses in Vernacular Language, defended at UFRJ, in 2014, 2015 and 2016. In the 214 occurrences collected of *alias* with inclusive value, the results indicate that this grammatical element is used in six different positions: *absolute initial position between periods*, *absolute initial position between paragraphs*, *non-absolute initial position*, *intraclausal intermediate position*, *interclausal intermediate position* and *parenthetic position*. Concerning the semantic-pragmatic values of inclusive *aliás*, we attest to three more general uses: *inclusion of arguments*; *inclusion and propulsion*; *inclusion and enhancement*.

KEYWORDS: Usage-Based Functional Linguistics, multifunctionality, *aliás*.

Considerações iniciais

O objetivo central desta pesquisa, desenvolvida no âmbito do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações), é investigar os diferentes usos sincrônicos de *aliás* em seus aspectos morfofossintáticos e semântico-pragmáticos na língua portuguesa padrão. Para isso, este trabalho filia-se a uma visão funcionalista da linguagem, baseada em dados de uso real. Nessa perspectiva teórico-metodológica, defende-se que a força do discurso nas diversas situações interacionais molda as estruturas linguísticas, fazendo emergir novas construções e novos significados, adaptados às diversas necessidades comunicativas. Esses remodelamentos no plano semântico-pragmático são, via de regra, acompanhados de mudanças morfofossintáticas, como a questão da posição dos elementos no discurso.

Para Furtado da Cunha (2013, p. 174), “se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico”. Assim, os estudos funcionalistas enfatizam a importância do uso real da língua nas pesquisas científicas, pois é por meio dele que é possível evidenciar como a língua, de fato, se estrutura e funciona.

Há poucas pesquisas sobre o funcionamento de *aliás* em língua portuguesa. Portanto, urge a realização de um estudo sistemático de suas propriedades formais e funcionais. Afinal, *aliás* é produtivo e muito utilizado no discurso, especialmente em sequências textuais argumentativas.

Neste artigo, estuda-se o elemento *aliás* com base em dados extraídos de

um conjunto de 30 dissertações de mestrado e 30 teses de doutorado em Letras Vernáculas, defendidas na UFRJ, nos anos de 2014, 2015 e 2016. Assim, garantimos que o estudo seja de ordem sincrônica, baseado em textos de teor argumentativo.

Partimos da hipótese de que *aliás* é multifuncional e, portanto, desempenha diferentes funções na gramática do português, o que vai muito além da lacônica classificação que tradicionalmente lhe é associada, ou seja, de palavra denotativa ou advérbio. Assim, acreditamos que esta pesquisa colabora com parte da descrição da gramática do português, especialmente com referência aos elementos linguísticos responsáveis pela conexão discursiva.

Em seguida, apresentamos uma breve seção, com o objetivo de ilustrarmos como *aliás* tem sido classificado por alguns gramáticos e linguistas, desde seus sentidos até seus usos funcionais. Em seguida, partimos para os fundamentos teóricos deste estudo, que está assentado na Linguística Funcional Centrada no Uso e na Linguística Textual. Logo após essa seção, apresentamos a metodologia de trabalho empregada e a análise de dados propriamente dita. Por fim, concluímos este trabalho com algumas considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Sentidos e usos de *aliás*

Nesta seção, apresentamos algumas informações sobre *aliás* e abordamos a sua correspondência com algumas categorias gramaticais. Partimos dos significados do termo, a fim de identificarmos as funções que lhe são atribuídas.

Inicialmente, no quadro a seguir, elencam-se os significados/sinônimos de *aliás*. Ressaltamos a importância dessas informações para a confirmação da hipótese de sua multifuncionalidade:

Obra	Etimologia
Bueno (1963)	<i>Aliás</i> – <i>adv. de m.</i> De outra maneira, de outro modo, isto é, etc. Lat. <i>alias</i> . Costumava-se acentuar <i>aliás</i> para diferenciar o advérbio do adjetivo <i>alias</i> , no acusativo plural, (<i>alius, alia, aliud</i>) sem que na pronúncia houvesse distinção de acentuação. (BUENO, 1963, p. 170, grifos nosso)

Machado (1977)	<i>Aliás, adv. e s.</i> Do lat. <i>Alias</i> , cujo sentido clássico era: <<outra vez, outras vezes, noutro momento, noutra época>>; em sentido local não clássico: <<noutro sítio, noutro local>>; a partir de Plínio, o Antigo: <<de outro modo; por outro lado, sob outro ponto de vista; de outra maneira>> (<i>Gaffiot</i> , s. v.) por via erudita. Séc. XVI: <<Tomemos por valedores a Senhora e a Igreja, por cuja contemplação nos conceda o Senhor o que <i>alias</i> nos poderá negar>>, <i>Arrais</i> , I, 12. (MACHADO, 1977, p. 199, grifos nossos)
Torrinha (1939)	(<i>alius</i>), adv. Por outro lado. (<i>alius</i>), adv. 1. Em outra ocasião; em outras ocasiões; já. 2. Em outro lugar; em outras circunstâncias. 3. De outro modo; por outra razão; <i>aliás</i> ; além disso. 4. Loc.: <i>alias saepe</i> , já muitas vezes, muitas vezes antes; <i>alias antea</i> , até então; <i>raro alias</i> , raras vezes; <i>non alias</i> , nunca; <i>semper alias</i> , sempre. (TORRINHA, 1939, p. 42) <i>aliás</i> , adv. 1. De outro modo: <i>aliter</i> , <i>secus</i> , <i>alio modo</i> , Cic. 2. Fora disso: <i>alias</i> , Ulp. 3. Sem o que, quando não: <i>sinaliter</i> , <i>sinminus</i> , <i>sin</i> , Cic.; <i>aut</i> , Ov. (TORRINHA, 1939, p. 65)
Costa (1967)	<i>ALLÍAS</i> , alás; além disso; a outros respeito; de outro modo; de outra sorte; ao contrário; de mais a mais; de outra maneira; do contrário; em outras circunstâncias; em outro lugar; no caso contrário; em outros casos; em outras condições; outra parte; outro lugar; pelo contrário; por outra forma; ou por outra; senão, também. Quando - : onde. (COSTA, 1967, p. 143)

Quadro 1: Significados do *aliás*

Bueno (1963) aponta a restrita classificação de *aliás* como advérbio de modo. Já em Machado (1977), *aliás* é classificado como advérbio de tempo (no sentido clássico), advérbio de lugar (no sentido não clássico) e advérbio de modo (a partir de Plínio, o Antigo). Torrinha (1939), por sua vez, relaciona a *aliás* o valor de conector aditivo na forma “além disso”. Costa (1967), por fim, segue a linha de Torrinha (1939) ao postular que *aliás* equivale às formas “além disso”, “senão, também”, ratificando o sentido de inclusão/adição. Além desse valor mais central, Costa (1967) também menciona outros valores adverbiais, tais como *modo* (“de outra sorte”), *contraste* (“ao contrário”), *tempo* (“em outras circunstâncias”), *lugar* (“outro lugar”), o que já é uma importante pista para atestarmos a tese da multifuncionalidade de *aliás*, visto que essa propriedade pode ser depreendida a partir do cotejo de obras clássicas.

Em obras mais modernas, *aliás* costuma ser apresentado como advérbio. Vejamos como esse elemento é indicado em dois dicionários de ampla circulação no país, ou seja, em Aurélio (2007) e Houaiss (2015):

“**a.li.ás** *adv.* **1.** De outra maneira; do contrário; **2.** Além disso; além do mais; **3.** Diga-se de passagem; **4.** Ou por outra; ou seja”. (AURÉLIO, 2007, p. 110)

“**a.li.ás** *adv.* **1** de outro modo <estuda muito, a. tiraria notas ruins se não estudasse>**2** além disso <a. não era a primeira vez que faltava>**3** isto é; ou seja <estamos em agosto, a. julho>”. (HOUAISS, 2015, p. 42)

Segundo Aurélio (2007), *aliás* é um advérbio, cujas acepções de modo, de inclusão e, até mesmo, de especificação/explicação – como no caso de “ou por outra” e “ou seja” – estão presentes. Houaiss (2015), por sua vez, apresenta a mesma categorização para *aliás*, definindo-o também como advérbio, e endossa a visão de Aurélio (2007) ao admitir as acepções de modo, de inclusão, de especificação/explicação, o que é observado nos exemplos citados pelo próprio autor.

No âmbito das gramáticas, Bechara (2009, p. 291) classifica *aliás* como advérbio, admitindo, contudo, que, “como bem diz Mattoso Câmara, perturba a descrição e a demarcação classificatória ‘a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios’”. Ou seja, para Bechara (2009), a classe dos advérbios apresenta matizes semânticos e funcionais especiais que não se combinam perfeitamente com *aliás*, o que é bastante importante para nossa análise, calcada em uma visão gradiente de gramática. Segundo essa perspectiva, as categorias são fluidas e dinâmicas, apresentam limites difusos e sem limites muito claros entre si.

Bechara (2009, p. 291, grifos nossos) acrescenta uma importante observação:

A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado denotadores, [...] muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas: [...] 4 – **retificação: aliás**, melhor, isto é, ou antes, etc. (BECHARA, 2009, p. 291, grifos nossos)

As gramáticas consideram algumas expressões linguísticas conforme a função textual que assumem. Não estabelecem, exatamente, uma função sintática e/ou semântica entre as orações em que se inserem, mas uma função textual, que orienta o discurso argumentativamente. Esse é o caso de *aliás*, na visão de Bechara (2009).

Um dos problemas é que esses elementos, comumente chamados palavras denotativas, constituem uma espécie de “limbo” da gramática, e reclamam uma

maior atenção por parte dos pesquisadores. Vale destacar que esses elementos denotativos são todos congregados em uma “não classe”, haja vista a postulação de que as palavras são tradicionalmente distribuídas em dez categorias, das quais as palavras denotativas estão excluídas, formando um grupo à parte. Vejamos o dado¹ (1) a seguir:

(1) Outro que impressionava pelas descrições muito específicas e convincentes destas criaturas era Plínio, o velho, (...). Para maior espanto, sua obra, datada de 77 d.C., serviu de base para um sem número de reedições ao longo dos séculos, até um pouco antes das luzes racionalistas europeias do setecentos. Plínio não só descrevia os estranhos traços antropomórficos das criaturas, mas delas ainda comentava de seus costumes e localização exata no mapa, informando os nomes de países exóticos e de todo desconhecidos, como Abarimon, Nasamons e Bonisteros, que aliás dava nome a um rio da região. (ATHAYDE, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 83)

Ao suceder o pronome relativo “que”, *aliás* introduz uma informação que explica o termo anterior, “Bonisteros”. Portanto, no dado (1), *aliás* apresenta uma função discursivo-argumentativa cuja finalidade é focalizar ou destacar um termo previamente enunciado, dando sequência ao discurso, orientando-o. Ao retomar o termo “Bonisteros”, *aliás* estabelece uma “relação retórica de explicitação/explicação” entre as partes do enunciado, nos termos de Decat (2010, p. 169). Tendo em vista essa função desempenhada por *aliás*, logo concluímos que uma classificação categórica desse elemento como simples advérbio e/ou palavra denotativa não é precisa, tendo em vista sua complexidade no plano discursivo.

Cunha e Cintra (1985, p. 540-541) salientam, em conformidade com as obras inspiradas na NGB, que *aliás* se restringe a uma palavra denotadora de retificação. Segundo Houaiss (2015, p. 821), a retificação consiste no “ato, processo ou efeito de retificar(-se), de tornar(-se) reto, exato; correção”. Isto é, para esses autores, *aliás* é um elemento que introduz correção ou ajuste sobre algo mencionado anteriormente. Sem dúvida, é possível que *aliás* desempenhe esse papel, mas nem sempre é o que ocorre (pelo menos em um plano central), haja vista o dado (1), por exemplo, em que não há ideia de retificação em cena, mas de focalização ou destaque.

¹ Na seção 3, denominada ‘Metodologia de trabalho’, explicitaremos as fontes dos dados empíricos deste artigo, com detalhes.

Devido ao valor discursivo do elemento em análise, é importante aprofundarmos a relação de *aliás* com os operadores argumentativos. De fato, para Koch (2015a), *aliás* é um operador argumentativo. Após especificar as várias funções desempenhadas pelos operadores argumentativos, a autora sublinha que muitos deles somam a favor de uma mesma conclusão e que são responsáveis por indicar a gradação de força dos argumentos. Vejamos:

[...] existe mais um operador que também introduz um argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, [...]: ele é apresentado como se fosse desnecessário, [...], quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo, [...], resumindo ou coroadando todos os demais argumentos. Trata-se do operador *aliás*.

f. João é o melhor candidato. *Além de* ter boa formação em Economia, tem experiência no cargo e não se envolve em negociações. *Aliás*, é o único candidato que tem bons antecedentes. (KOCH, 2015a, p. 34, grifos da autora)

Conforme a autora assevera, *aliás* é um operador que, além de introduzir argumento que pode sumarizar argumentos enunciados anteriormente, também pode ratificá-los, direcionando o discurso à conclusão desejada pelo enunciador. No exemplo “f”, fornecido por Koch (2015a), a tese “João é o melhor candidato” é desenvolvida a partir de um somatório de argumentos direcionados à aceitação de que “João” é, sem dúvidas, “o melhor candidato”. Para “coroar” os argumentos que sustentam a tese, *aliás* introduz aquele que figura como o mais importante: “é o único candidato que tem bons antecedentes”. Isso implica dizer que os demais candidatos não têm bons antecedentes, já que “João” é o único que os tem. Essa mesma peculiaridade de *aliás* pode ser flagrada no dado (2), a seguir:

(2) Outro aspecto importante do modelo IPO é que ele não postula nenhuma consideração fonológica *a priori* se não houver alguma substância fonética revelada na observação experimental que dê base para a formulação de propriedades abstratas da entoação (‘t HART; COHEN; COLLIER, 1990: 120). **Aliás**, os próprios autores deixam explícito que eles não se comprometem em propor uma representação fonológica dos padrões melódicos presentes no sistema entonacional de uma língua. (MIRANDA, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 15)

Em (2), *aliás* introduz um argumento que encerra qualquer discussão a respeito da tese contida no período anterior. Nesse caso, conforme postulado por Koch (2015a), *aliás* adiciona um “argumento decisivo”, ratificando todos os argumentos anteriores.

Savioli e Fiorin (2001, p. 146) abordam os “conectores ou operadores discursivos”, classificando-os conforme as relações que estabelecem junto aos segmentos textuais, vinculados por meio desses itens linguísticos. Essas relações, por sua vez, exercem função argumentativa no texto. Na classificação proposta para os operadores discursivos, os autores mencionam *aliás*:

8. os que introduzem um argumento decisivo para dar o golpe final na argumentação contrária, mas apresentando-o como se fosse um acréscimo, como se fosse apenas algo mais numa série argumentativa: *aliás, além do mais, além de tudo, além disso, ademais*.

9. os que assinalam uma generalização ou uma amplificação do que foi dito antes: *de fato, realmente, como aliás, também, é verdade que*. (SAVIOLI; FIORIN, 2001, p. 150-151, grifos nossos)

Para Savioli e Fiorin (2001), *aliás* é um conector com função textual de operador argumentativo e serve para introduzir um argumento decisivo, ainda que apresentado como desnecessário, dando o “golpe final” na argumentação contrária. Além disso, *aliás* relaciona porções textuais e pode generalizar um fato contido no primeiro enunciado, assim como ampliar a ideia nele expressa. Essas peculiaridades são compartilhadas por Koch (1993, 2015, 2015a).

Segundo Ducrot (1989, p. 21), as relações argumentativas não se firmam apenas por meio dos enunciados tomados por argumentos e conclusões, mas também por meio dos princípios que se utilizam para colocá-los em relação. Conforme o mesmo autor, “os operadores argumentativos revelam o sentido para o qual o enunciado aponta; apontam a intenção (componente da enunciação) argumentativa do enunciado” (DUCROT, 1987, *apud* MARCHON, 2014, p. 62). Os enunciados por si sós, representados pelos argumentos e pelas conclusões, não são, segundo o autor, suficientes para relacioná-los entre si. É necessária a utilização de elementos que os direcionem a uma intenção argumentativa no momento da enunciação, cumprindo o papel de encadeadores de enunciados. Esses elementos são justamente os operadores argumentativos, como *aliás*.

Reiteramos que Ducrot (1976, *apud* KOCH, 2015a, p. 30) utiliza o termo “operador argumentativo” para designar elementos da gramática de uma língua

cuja função é indicar a força argumentativa dos enunciados, o sentido para o qual apontam, visando ao direcionamento de determinada conclusão.

No dado (3), o autor da tese analisa as narrativas de Murilo Rubião. Entre os parâmetros de análise, ele elege a *hipérbole*, tema que considera bastante frequente em suas obras.

(3) Não é difícil perceber nessa história uma referência direta à religião. Segundo Schwartz, o personagem central “remete à figura de Cristo (...). Audemaro Taranto Goulart, além de perceber tal semelhança tanto no comportamento como no aspecto físico do personagem, aponta também outros indícios que sugerem tal comparação. (...). As vestes, a barba, a cabeleira de Botão-de-rosa e a aceitação da culpa sem nenhum questionamento são elementos que aproximam os dois personagens. No entanto, embora a comparação seja inevitável, escolheu-se o caminho da *hipérbole* para a análise deste conto. A concretização metafórica da figura cristã se solidifica quase no final do conto. Todavia isso já não ocorre com o exagero. **Aliás**, toda a narrativa está pautada nele. Desde a primeira frase do texto, quando o leitor sabe que todas as mulheres de uma cidade estavam grávidas e, supostamente, de um mesmo homem. (GAMA, Tese/UFRJ, 2016, p. 98)

Em (3), *aliás* introduz um argumento decisivo para a conclusão de que a *hipérbole* é um dos temas mais abordados nas narrativas de Murilo Rubião e, deve-se destacar, todo o conto analisado está pautado no exagero. Além disso, constatamos que o período anterior, introduzido por “Todavia”, corrobora a ideia de que o “exagero” não se encontra apenas no final do conto, mas em toda a narrativa. Nesse contexto de uso, mais uma vez, atestamos que o uso de *aliás* não se limita à categorização tradicional de advérbio ou palavra denotativa. Considerá-lo dessa forma é minimizar seu papel discursivo.

Além desse papel de apresentar argumentos decisivos, *aliás* também pode desempenhar função sumarizadora, conforme pode ser verificado no dado (4):

(4) Esse hipotético leitor encontrará, a princípio, uma voz em terceira pessoa que comunica, *in medias res*, que um certo “ele”, “naquele Verão” estava na “cidade peninsular”, a fim de apreender “uma certa indagação sobre a fase última do pintor”. Ainda que este período que abre o romance seja composto tão somente de informações, elas não poderiam ser mais vagas. Quem é ele? Qual o verão? Para

quem o Verão é importante? Para o narrador ou para o personagem inominado? Quem narra, *aliás*? Serão narrador e personagem a mesma pessoa? Qual a cidade peninsular, que península? Qual a indagação, qual o pintor? (VENTURA, Tese/ UFRJ, 2015, p. 113)

Em (4), *aliás* opera de forma a sumarizar a informação, enfatizando todo o discurso anterior com um argumento importante, que resume todas as dúvidas mencionadas previamente no texto: “Quem narra, *aliás*?”. Além disso, a oração arrematada por *aliás* também propulsiona o assunto, dando continuidade aos argumentos que corroboram as dúvidas descritas anteriormente.

Nessa instanciação, *aliás* tem função anafórica encapsuladora, retomando toda a declaração anterior, em função do cotexto. Para Koch (2002), “a anáfora encapsuladora é a sumarização de uma informação precedente, compartilhada pelos interlocutores” (KOCH, 2002, p. 94, *apud* LOPES, 2011, p. 12). *Aliás*, ao encapsular termos contidos nos segmentos precedentes, sintetizando-os, atribui-lhes o estatuto de “objetos-de-discurso” (KOCH, 2015, p. 112).

Assim, com base nas informações até aqui expostas, segundo as obras pesquisadas com referência às definições, aos significados e aos usos de *aliás*, verificamos que esse item linguístico recebe diferentes classificações, quais sejam:

- a. Advérbio com valores semânticos de retificação (“ou seja”, “isto é”), modo (“de outra maneira”, “de outro modo”) e inclusão/adição (“além disso”), segundo Aurélio (2007), Houaiss (2015) e Bechara (2009).
- b. Palavra denotadora de retificação, segundo Cunha e Cintra (1985).
- c. Operador argumentativo e introdutor de argumento adicional, segundo Koch (2011), função desempenhada pelos advérbios e pelas conjunções.

A pesquisa bibliográfica atesta a múltipla classificação de *aliás*, considerando a sua flutuação categorial. De fato, esse elemento pode desempenhar funções distintas no discurso, como já se demonstrou até aqui, com base em alguns dados de língua em uso.

Uma análise mais atenta possibilita a organização dos diversos valores de *aliás* em dois grandes grupos: o dos *circunstanciadores* e o dos *conectores*. A função de circunstanciador envolve os tradicionais valores adverbiais de *aliás*.

Esses usos servem como fonte para a função conectora², na tarefa de encadear o discurso, assumindo um papel semelhante ao indicado por Koch (2011) ao fazer referência aos operadores argumentativos.

Esses dois grupos, segundo a visão funcionalista da linguagem, mantêm zonas de interseção e de sobreposição semântico-pragmáticas, de modo que não se pode falar em entidades discretas. Ao contrário, há uma espécie de *continuum* categorial gradiente entre ambos, o que justamente possibilita *aliás* ‘caminhar’ entre valores circunstanciais e conectores, em diferentes graus de abstratização.

Feita esta breve revisão bibliográfica, já acompanhada de algumas propostas de sistematização do tema, podemos partir para a apresentação dos fundamentos teóricos deste trabalho.

2. Suporte teórico

Abordamos, a seguir, os fundamentos teóricos que sustentam o estudo de *aliás*, desenvolvido a partir de suas propriedades morfossintáticas e de usos semântico-pragmáticos. Para isso, apresentamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016) e da Linguística Textual (LT), nos termos de Koch (2011, 2017) e outros, que são as duas bases que sustentam nosso trabalho.

2.1. A Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) é, antes de tudo, uma teoria do uso linguístico, comprometida com a análise de dados reais das línguas humanas. Justificamos essa escolha do referencial teórico justamente por conta do nosso objetivo central: analisar os valores e funções de *aliás*, na língua em uso.

A LFCU concebe as línguas humanas como meios de interação social, dinamizados por interlocutores reais, e não ideais. A partir de nosso aparato

² Assumimos o termo *conector* em uma acepção mais ampla que *conjunção* ou *conectivo*. Segundo Souza (2008), em um sentido mais abrangente, *conector* designa quaisquer expressões linguísticas utilizadas para ligar segmentos maiores ou menores do texto/discurso, estabelecendo relações semânticas diversas. Em determinados casos, esses elementos determinam a orientação argumentativa dos segmentos que introduzem. Além disso, os conectores podem ser representados por palavras gramaticais e por palavras lexicais.

cognitivo, interagimos em sociedade, e é justamente a interação o motor da variação e da mudança linguísticas. Como assevera Sousa (2015, p. 86), é premissa, em qualquer vertente linguística funcionalista, que a motivação advinda de fatores externos ao sistema linguístico é um ponto central para a análise.

Na língua, coexistem aspectos dinâmicos e aspectos estáticos. Os aspectos dinâmicos referem-se às estratégias utilizadas pelos interactantes na produção linguística, ou seja, à individualidade com que cada membro da comunidade se expressa verbalmente. Os aspectos estáticos, por sua vez, referem-se ao “conjunto de regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso” (OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 99).

Esses aspectos – dinâmicos e estáticos – constituem as noções de discurso e de gramática, tão caras à pesquisa funcionalista na vertente da LFCU. Assumindo a existência desses aspectos, Bybee (2016, p. 18) assevera que há nas línguas regularidade de padrões e, ao mesmo tempo, há variações que decorrem em todos os níveis. Furtado da Cunha (2013, p. 157) reitera essa perspectiva ao afirmar que a abordagem funcionalista “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”, buscando na situação comunicativa a motivação para a realização da língua.

A LFCU defende a ideia de que a sintaxe de uma língua não é autônoma, tampouco independente de fatores socioculturais. Nessa perspectiva teórica, as categorizações conceituais e linguísticas são análogas (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 56). Assim, tanto o conhecimento de mundo quanto o conhecimento linguístico seguem basicamente os mesmos padrões.

Ao se pensar nos estudos linguísticos no âmbito da LFCU, fatores extralinguísticos devem ser considerados como motivadores de construções e usos. Essa concepção de contexto ultrapassa o entorno linguístico, considerando propriedades mais amplas como as discursivo-pragmáticas e as sociolinguísticas. Ao lado da sintaxe e da semântica, portanto, as circunstâncias pragmáticas são consideradas bastante relevantes pela abordagem funcionalista. É nesse nível de investigação que se buscam os contextos e os propósitos comunicativos dos interlocutores, no uso concreto da língua, caracterizado pela interação e pelas questões sociais, bem como pelos processos cognitivos inerentes à situação de comunicação.

Sobre os processos cognitivos decorrentes das situações de uso da língua, reafirmando as palavras de Koch (2015), Rosário e Oliveira (2016, p. 236) asseveram que a “cognição, derivada de pressões interacionais e da experiên-

cia sócio-histórica, é manifestada contextualmente”. Isto é, há de se levar em conta toda a situação que envolve a manifestação linguística, tendo em vista que ela decorre do ato interativo e envolve sujeitos imbuídos de intenções e características sócio-históricas que afetam a interação.

Após essa breve caracterização da LFCU, que indica as concepções de língua e gramática compartilhadas por este trabalho, abordam-se, a seguir, alguns fundamentos da Linguística Textual, eleitos como aporte teórico auxiliar à realização desta pesquisa.

2.2. A Linguística Textual

Na década de 1970, houve um crescente interesse na construção das chamadas gramáticas de texto. De fato, o texto passou a ser visto como uma unidade hierarquicamente mais elevada, em relação às sentenças isoladas. Passou a ser considerado uma verdadeira “entidade do sistema linguístico” (KOCH, 1997, p. 69), algo associado a condições externas que possibilitam a sua produção e interpretação.

Filiando-nos a essa perspectiva, partimos da premissa de que a análise linguística, de fato, não pode estar limitada à frase. Consideramos, ao contrário, que a análise deve ser feita para além dos itens linguísticos, das frases e do próprio texto, salientando o papel dos contextos que ensejam o ato comunicativo, na fala e na escrita.

A noção de contexto, segundo Koch (2015, p. 23), pode variar consideravelmente. Neste artigo, adotamos a noção incorporada atualmente pela pesquisa funcionalista na vertente da LFCU, que destaca a relevância de um “tratamento mais holístico” (OLIVEIRA, 2015, p. 22). Trata-se de uma análise que considera três fatores maiores e motivadores dos usos linguísticos: os estruturais, os cognitivos e os sócio-históricos.

Neves (2004) afirma que, nessa perspectiva, integram-se os diversos componentes (sintáticos, semânticos e pragmáticos), culminando no abandono do enfoque modular e na adoção do relacionamento de domínios funcionais. Dessa forma, “propõe-se uma teoria funcional da sintaxe e da semântica que se desenvolva dentro de uma teoria pragmática” (NEVES, 2004, p. 74), visando a análises linguísticas mais acuradas e criteriosas.

Destacamos a preocupação da LT em extrapolar os limites do período, ao admitir a exploração de traços de ordem situacional, sociocognitiva e cultural (centrados nos interlocutores). Portanto, os trabalhos dessa linha teórica mostram-se afins à nossa pesquisa, no que diz respeito a uma análise holística

de *aliás* no plano discursivo. Nesse viés, abordamos os fatores de ordem formal, semântico-conceitual e pragmática.

3. Metodologia de trabalho

O objetivo desta pesquisa, como já foi enunciado anteriormente, é comprovar a hipótese central da multifuncionalidade de *aliás* em contextos reais de comunicação, para além do que é postulado pelas gramáticas tradicionais. Esse objetivo geral justifica a adoção do suporte teórico para as análises do *corpus* constituído.

Esta investigação se pauta pela metodologia qualitativa e quantitativa. Intentamos apresentar alguns aspectos morfofossintáticos (centrados na posição do elemento em investigação na cadeia sintática) e os diferentes valores semântico-pragmáticos de *aliás*, em textos do domínio acadêmico, em sequências argumentativas. Para isso, apoiamos-nos também no levantamento da frequência *token*³ dessa construção, elencando os resultados numéricos em tabelas. Optamos por considerar apenas os textos efetivamente elaborados pelos autores, descartando as citações utilizadas na elaboração dos trabalhos.

Organizamos a análise do *corpus* considerando cada ocorrência de *aliás*, conforme a posição em que é instanciada nos textos. Assim, após o levantamento das posições em que ocorre, procedemos às análises dos valores semântico-pragmáticos que lhe são característicos.

Optamos por utilizar 30 dissertações de mestrado e 30 teses de doutorado em Letras Vernáculas defendidas na UFRJ (nos anos de 2014, 2015 e 2016) como *corpus*. A escolha desse *corpus* de domínio acadêmico, pautado em sequências argumentativas, proporciona uma reflexão sobre as ocorrências sincrônicas de *aliás* nos contextos de uso cujos discursos são mais monitorados. Essa escolha, portanto, parte da constatação de que *aliás* é um elemento argumentativo por natureza.

Em um primeiro momento, em pesquisa-piloto, foi realizado um estudo prévio sobre possíveis diferenças entre os usos de *aliás* em dissertações e teses, com o objetivo de verificar se algum dos gêneros teria uma frequência mais relevante para esse uso. Entretanto, como essa diferença foi insignificante, resolvemos descartar esse fator de análise, utilizando-nos de dissertações e teses sem diferenciação no trabalho.

³ Frequência *token* diz respeito à frequência de ocorrência dos dados.

A pesquisa confirmou a existência do uso de *aliás* com função de *retificação de argumentos*, em uma função muito similar ao que a tradição denomina palavra denotativa de retificação. Neste trabalho, contudo, por necessidade de limitação e de recorte, optou-se por explorar apenas os usos de *aliás* associados ao valor semântico-pragmático de *inclusão*. Denomina-se esse uso geral de ‘*aliás* inclusivo’.

4. Aspectos morfosintáticos e semântico-pragmáticos de *aliás*

Na análise de dados empreendida nos 60 textos escolhidos para a composição do *corpus*, levantamos um total de 214 ocorrências de *aliás* inclusivo. A análise atenta dos dados permitiu uma classificação em três funções ou valores: a) *Inclusão de argumentos*; b) *Inclusão e propulsão*; c) *Inclusão e Realce*. Na tabela a seguir, cruzamos esses valores às diferentes posições que *aliás* assume textualmente:

Valores semântico-pragmáticos	Posições					
	Inicial absoluta, entre períodos	Inicial absoluta, entre parágrafos	Inicial não absoluta	Intermediária intraclausal	Intermediária interclausal	Parentética
Inclusão de argumentos	50	7	20	26	8	-
Inclusão e Propulsão	18	2	4	45	6	-
Inclusão e Realce	-	-	-	-	-	28
Total	68	9	24	71	14	28
TOTAL GERAL	214					

Tabela 1: Frequência *token* dos valores semântico-pragmáticos de *aliás* em diferentes posições

A tabela 1 ilustra a complexidade dos usos de *aliás*, tendo em vista que não há uma correspondência estrita e simples entre valores semântico-pragmáticos e traços sintáticos (concernentes à posição). Por exemplo, *inclusão de argumentos* e *inclusão e propulsão* são usos associados a cinco diferentes posições de *aliás*, com frequências *tokens* também distintas. Já *inclusão e realce* é um uso associado exclusivamente à posição parentética.

Outra constatação geral é que cada posição permite de um a dois diferentes usos semânticos. Essas observações calcadas em frequência comprovam a multifuncionalidade de *aliás*, com suas seis diferentes posições sintáticas e seus distintos valores semântico-pragmáticos de caráter inclusivo.

Uma última observação geral é que não encontramos dados de *aliás* inclusivo em posição final. Esse é um ponto que, sem dúvida, merece maior aprofundamento em etapas posteriores de pesquisa. Por ora, vejamos cada função de *aliás* inclusivo.

4.1. *Aliás em posição inicial absoluta entre períodos*

A tabela a seguir demonstra a frequência *token* e os valores semântico-pragmáticos de *aliás* inclusivo, verificados em posição inicial absoluta entre períodos.

Frequência <i>token</i> total	Valores semântico-pragmáticos (Inclusão)	
68	Inclusão de argumentos	Inclusão e propulsão
	50	18

Tabela 2 – Frequência *token* e valores de *aliás* em posição inicial absoluta, entre períodos

De acordo com os números da tabela 2, *aliás* é recrutado na posição inicial absoluta entre períodos, com dois valores semântico-pragmáticos: *inclusão de argumentos* (50 dados) e *inclusão e propulsão* (18 dados), totalizando 68 dados. Defendemos que o número essencialmente elevado do valor de *inclu-*

são de argumentos está relacionado ao *corpus* escolhido, uma vez que incluir argumentos é uma estratégia predominante em dissertações e teses. Vejamos os dados (5) e (6):

5. Com efeito, desde agosto daquele ano João Caetano estaria dirigindo a peça *O gênio do bem ou Os mouros de Ormuz*, “magnífico drama mágico nunca visto em algum dos teatros desta Corte” (11/09/1837, p. 3), e representava o papel principal de *Ricardo D’Arlington ou Três anos da vida de um deputado*, que foi à cena em julho e agosto.

Dessa forma, sem termos comprovação da presença cênica de Gonçalves de Magalhães anterior ao famoso 13 de março de 1838, sua estreia oficial continua sendo a mesma. Aliás, é de se prever que a tendência do poeta fosse reivindicar a data correta, não sendo necessários muitos esforços para defini-la. No entanto, há uma curiosidade acerca da estreia de *O poeta e a Inquisição*. (ALMEIDA, Tese/UFRJ, 2016, p. 105)

6. (...). A confissão surge, desse modo, menos como fruto do arrependimento do que uma consequência do medo e do fingimento. Por isso, ao rememorar tais situações e os sentimentos que as permeavam, o sujeito afirma que confessa “diante da cara mascarada por treliça e sombra”(p.21). Não existe sinceridade nessa confissão, apenas sentimentos contraditórios que mesclam desejo e culpa, o dever de amar os pais e obedecer aos mandamentos.

Em suma, um indivíduo que vivencia as primeiras experiências de uma sexualidade e erotismo prementes no contato e brincadeiras infantis com outras crianças e adolescentes: “Confesso. Diante da cara mascarada/ por treliça e sombra./ De carne, pecador. Passivo, ativo/ meia, bronha, pegação:/ pera, uva, maçã no rosto, na boca”(p.21). Aliás, esse percurso, que vai da infância à maturidade, revela a formação de uma consciência culpada que culmina em versos de clara reprovação do corpo [...] (CONCEIÇÃO, Tese/UFRJ, 2015, p. 183)

Em (5), *aliás* proporciona o encadeamento entre dois períodos, em que o segundo é um argumento que explica o anterior. Trata-se de uma relação discursivo-argumentativa de explicação, proporcionada pela inclusão do seg-

mento ‘é de se prever que a tendência do poeta fosse reivindicar a data correta [...]’. O elemento *aliás*, nas palavras de Koch (2017, p. 127), “articula dois atos de fala, em que o segundo toma o primeiro como tema com o fim de justificá-lo ou melhor explicá-lo; adicionar-lhes argumentos”. Torna-se flagrante, nessa instância de uso, a inclusão de argumento por meio de *aliás*, a fim de explicar o enunciado antecedente.

Em (6), *aliás* inclui argumento que ratifica o discurso anterior, retomando-o com a expressão “esse percurso”. Assim, todo o discurso precedente é mais bem desenvolvido, tornando-se tema do enunciado subsequente a *aliás*. Em outras palavras, *aliás* encapsula o discurso precedente, sintetizando-o sob a forma do sintagma nominal (“esse percurso”) e propulsionando-o. Nesse dado, fica claro como o elemento *aliás* se afasta da classificação tradicional de *palavra denotativa de retificação*.

À forma sintetizada “esse percurso”, é atribuído o estatuto de objeto-de-discurso, nos termos de Koch (2015), e *aliás* estabelece um novo referente para os enunciados que se seguem: “revela a formação de uma consciência culpada que culmina em versos de clara reprovação do corpo”.

4.2. *Aliás em posição inicial absoluta entre parágrafos*

Passamos às ocorrências de *aliás* em posição inicial absoluta entre parágrafos. Na tabela a seguir, vejamos a sua produtividade.

Frequência <i>token</i> total	Valores semântico-pragmáticos (Inclusão)		
	9	Inclusão de argumentos	
Refere-se a todo o parágrafo anterior		Refere-se a parte do parágrafo anterior	
4		3	2

Tabela 3: Frequência *token* e valores de *aliás* em posição inicial absoluta entre parágrafos

Os resultados elencados na tabela 3 demonstram que o uso de *aliás* em posição inicial absoluta entre parágrafos não é muito produtivo. De fato, *aliás* mostrou-se mais frequente na articulação de partes menores do discurso, ou seja,

articulando períodos, quando na posição inicial absoluta. Vejamos alguns dados.

7. É bem certo que esse elenco de narrativas selecionadas reflete ideias que circulavam a larga pela sociedade portuguesa (e europeia) do século XIX, refletindo crenças, ideologias e comportamentos socialmente respeitados e aceitáveis por grande parte dos membros daquele grupo. A esse respeito, Antonio Candido afirma que as obras de arte [e literárias] são, portanto, reflexos, ao mesmo tempo, da ação do artista sobre o seu objeto e também das configurações sociais em que se insere esse agente criador.

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição [...] quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela transmudam em conteúdo e forma [...]. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o *conteúdo*, enquanto as modalidades de comunicação influem mais para a *forma* (CANDIDO, 2000, p. 10 e 11).

Aliás, foi no período oitocentista que as transformações a respeito dos costumes fúnebres assumiram contornos bem definidos, muitos desses conservados até a atualidade. A esse respeito, Juliana Schmitt afirma que “por ser uma sociedade altamente regida pelos códigos de etiqueta, conseqüentemente a morte foi também rigidamente regulamentada” (SCHMITT, 2010, p. 115), transformando a repulsa vivida no século anterior em uma verdadeira obsessão pela morte. (SILVA, Tese/UFRJ, 2015, p. 26)

Em (7), no primeiro parágrafo, o enunciador inicia sua explicação acerca da escolha das narrativas a serem analisadas em seu trabalho, tendo em vista que não é uma escolha aleatória, mas condizente com sua pesquisa. No primeiro enunciado, ele explica que as narrativas refletem ideias e comportamentos “socialmente respeitáveis e aceitáveis” na sociedade portuguesa/europeia do século XIX, ratificando a sua exposição. Cita uma autoridade – Antonio Candido – que, por sua vez, afirma que, de fato, obras de arte e literárias são reflexos tanto do agir do artista quanto do contexto social em que se insere o artista. No parágrafo subsequente, o autor da tese inclui um argumento, encabeçado por *aliás*, ratificando a ideia contida no primeiro parágrafo e na citação de Candido (2000). Logo, *aliás* articula parágrafos, o que o credencia a um papel

de conector ou encadeador textual.

O dado (8) espelha um uso distinto de (7), visto que apresenta *aliás* na função de incluir argumentos, referindo-se a parte do parágrafo anterior:

8. Numa visão dualista, portanto, há uma quebra ou ruptura na relação complementar e harmônica entre princípio de prazer e princípio de realidade que se traduziria num conflito entre os impulsos e desejos das instâncias psíquicas do indivíduo, ou seja, entre id, ego e superego. Na visão monista, no entanto, há uma arregimentação social sobre o princípio de prazer que tem sua vocação desviada para outra finalidade: a de manter a estabilidade do sistema social ou de uma dada superestrutura. Nesse ponto, o princípio de prazer, após sucessivas derivações históricas e sociais, transforma-se em princípio de perfeição como uma forma comportamental e eficaz de dominação social em prol de uma determinada distribuição, realizada pelas classes dominantes, da escassez e do trabalho alienado.

Aliás, numa visão monista mais radical, pode-se encarar o princípio de realidade em si como algo que já se transformou sob o influxo histórico. Para isso, supõe-se que, no início da vida humana, só existia o princípio de prazer na busca por estabilidade, por alívio das tensões para eliminação da carga penosa recorrente em todo o ser biológico que surgiu no momento primordial em que a vida aflorou, estabilidade esta conseguida com o regresso definitivo da vida orgânica ao mundo das coisas inanimadas e inorgânicas. (CONCEIÇÃO, Tese/UFRJ, 2015, p. 84)

No dado (8), *aliás* também promove a articulação entre dois segmentos argumentativos, entre dois parágrafos. No primeiro, o enunciador disserta sobre dois assuntos: a visão dualista e a visão monista sobre prazer e realidade. Contudo, o argumento introduzido por *aliás*, no parágrafo subsequente, refere-se a parte do parágrafo precedente, desenvolvendo e reforçando o que o enunciador disserta sobre a “visão monista”, acrescentando, como argumento, informações sobre “uma visão monista mais radical”. Logo, de uma maneira mais precisa, não se trata de uma articulação entre dois parágrafos inteiros, mas entre partes menores do texto.

O dado (9) espelha outro uso de *aliás*. Trata-se de um uso de inclusão e propulsão:

9. (...). Aqui, Eros e Thanatos, mais do que se oporem, estabelecem uma relação básica que, segundo Marcuse, mantém-se obscura (1968, p.45). Essa descida de Eros ou da vida em direção à morte (Thanatos), a veiculação do princípio de prazer a um instinto de morte, parece deixar transparecer um desejo de equilíbrio expresso pelo que chama de *princípio de Nirvana* (1968, p.44). Em outras palavras, para o filósofo, há nos instintos humanos “uma compulsão inerente para recuperar um anterior estado de coisas” (1968, p.43). Ou seja, em todo o ardor erótico, nos movimentos da paixão que tão bem caracterizam o drama humano, há uma busca final por quietude e imobilidade, algo que só pode ser encontrado, na nossa opinião, em sua plenitude, em três momentos da vida humana: na morte, no útero materno e no orgasmo, daí a pertinência desse estudo sobre o erotismo na poesia freitasiana.

Aliás, esses três momentos ou estados relacionam-se intimamente com a continuidade entre dois seres que se estabelece na união erótica dos corpos durante a atividade sexual mencionada por Bataille. Essa continuidade profunda é uma busca incessante na poesia erótica de Armando. A última estrofe de “Loveless!”, e, especialmente, o verso “trepo para te matar” encerram, em grande medida, todas as questões levantadas até aqui, ou seja, a questão do caráter dual do erotismo, do amor conduzido por um pathos violento e eivado de ira, da vida e da morte amalgamadas na atividade erótica e do fim maior de todo erotismo, que é a sensação da passagem da descontinuidade para a continuidade entre os seres. (CONCEIÇÃO, Tese/UFRJ, 2015, p. 74)

Nesse excerto, *aliás* retoma os termos “na morte, no útero materno e no orgasmo”, do parágrafo anterior, por meio da expressão “esses três momentos ou estados”, resumindo-os. Dessa forma, os termos instanciados no parágrafo anterior a *aliás* tornam-se tema do parágrafo subsequente, em que são desenvolvidos, de modo a prosseguir a argumentação do enunciador.

Nesta subseção, podemos destacar o parco recrutamento de *aliás* em posição inicial absoluta articulando parágrafos. No *corpus*, são apenas nove ocorrências no total de usos desse elemento, sob o valor geral de *inclusão*. Vejamos, na próxima subseção, como *aliás* se comporta em posição inicial não absoluta.

4.3. Aliás em posição inicial não absoluta

Esta subseção trata do emprego de *aliás* em posição na qual esse item não inicia, de fato, o período. De outro modo, instancia-se logo após conectores, sintagmas adverbiais e sequenciadores em geral. A tabela a seguir demonstra a distribuição da frequência *token* de *aliás* nessa configuração específica.

Frequência <i>token</i> total	Valores semântico-pragmáticos (Inclusão)	
24	Inclusão de argumento	Inclusão e propulsão de argumento
	20	4

Tabela 4: Frequência *token* e valores de *aliás* em posição inicial não absoluta

Os resultados demonstram que o recrutamento de *aliás* em posição inicial não absoluta ocorre nas funções da *inclusão de argumento* e *inclusão e propulsão*. Os dados (10) e (11) representam, respectivamente, instanciações de *aliás* com esses valores.

- (10) Nota-se que apenas Diadorim, antes do assassinato de seu pai, ao ser questionada por Riobaldo, fala em defesa de Hermógenes: “O Hermógenes é duro, mas leal de toda confiança. Você acha que a gente corta a carne é com quicé ou é com colher-de-pau? (GSV, p 132). Se Joca Ramiro o distinguiu, foi por reconhecer nele um certo carisma, como **aliás** vem comprovado pelo fato de seus jagunços lhe obedecerem com toda a vontade. (ASSUMPÇÃO, Tese/UFRJ, 2014, p. 73)
- De maneira similar, Vinicius de Moraes se vale da mudança na configuração do feminino para concretizar sua proposta. No caso de nosso objeto de estudo, a mulher, além de ser amado, é o ser que ama. O sentimento é transformador por ser sentido pelo poeta e também por sua reciprocidade. Nesse sentido, **aliás**, cabe mais uma vez o destaque para o fato de o amor da mulher transformar o instante do poeta em iluminação, e não o contrário. A modificação é basicamente externa

e se origina do fato de que a mulher amada retribui o sentimento de forma poderosa e irremediavelmente transformadora. (PAULA, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 127)

Em (10), *aliás* promove a inclusão de um argumento, sob a forma de oração hipotática conformativa, que demonstra a atitude dos jagunços em relação a Hermógenes, fundamentando o enunciado anterior “foi por reconhecer nele um certo carisma”. Observe-se que *aliás* não encabeça a oração conformativa, iniciando-a, de fato. Nesse caso, *aliás* vem posposto ao conector “como”.

Em (11), identificamos o valor semântico-pragmático de *inclusão e propulsão* associado a *aliás*. Nessa instância de uso, *aliás* relaciona dois períodos de modo que, no segundo, adiciona argumento proporcionado pela inclusão do sintagma “Nesse sentido”, que sumariza todo o período anterior, tornando-o tema do período seguinte.

Logo, *aliás* demonstra o seu papel conector (ao encadear períodos e outras porções textuais) ao mesmo tempo em que conserva traços de circunstanciador (haja vista sua mobilidade posicional).

4.4. *Aliás em posição intermediária intraclausal*

Verificamos que, na posição intermediária, *aliás* pode ser recrutado para o uso no interior do período. Vejamos a tabela a seguir.

Frequência <i>token</i> total	Valores semântico-pragmáticos (Inclusão)	
	71	Inclusão de argumentos
26		45

Tabela 5: Frequência *token* e valores de *aliás* em posição intermediária intraclausal

Na posição intermediária intraclausal (no interior de cláusulas), *aliás* mostrou-se produtivo, somando 71 usos com o valor geral de *inclusão*. Os resultados apontam para uma função precípua, a de *inclusão e propulsão*, seguida da função de *inclusão de argumentos*. Os dados (12) e (13) exemplificam, respectivamente, esses usos de *aliás*.

12. Vítimas da própria condição social, “abortos” cuja intenção em comum é a sobrevivência. “Coisas” que formam à sua revelia o *underground*, já que não têm “a oportunidade de conhecer o piso térreo”. Já trazem em si o lado torpe das características humanas, abarcadas, **aliás**, durante o curto período em que habitavam as ruas. (FERREIRA, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 68)
13. (...). Mía Couto escondeu essa história dentro das outras, mostrou um pouco aqui, mais um tanto depois, confundiu, desorientou, brincou com nosso entendimento, coisa que, **aliás**, costuma fazer com frequência. Mas a raiz da questão é essa mesma: o incesto perverso, a muda violência doméstica e o assassinato bruto do inocente. Pronto. (ATHAYDE, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 126)

Em (12), *aliás* é instanciado no interior da cláusula apositiva, intercalando-a e incluindo argumento de forma a desenvolver o enunciado anterior, dando-lhe mais detalhes, especificando-o. Em (13), verificamos o recrutamento de *aliás* também no interior de uma cláusula apositiva. Contudo, não se trata, apenas, de inclusão de argumento, mas também de propulsão. O sintagma nominal “coisa” resume todo o enunciado anterior e, por consequência, torna-se tema do enunciado subsequente a *aliás*. O argumento introduzido por *aliás* reforça a ideia contida no período anterior, orientando, assim, o discurso.

4.5. *Aliás em posição intermediária interclausal*

Na posição intermediária interclausal, as análises demonstram os seguintes resultados sobre a frequência *token* e seus valores semântico-pragmáticos de *aliás*:

Frequência <i>token</i> total	Valores semântico-pragmáticos (Inclusão)	
	Inclusão de argumento	Inclusão e propulsão
14	8	6

Tabela 6: Frequência *token* e valores de *aliás* em posição intermediária interclausal

Na posição intermediária interclausal, atestamos um parco recrutamento de *aliás* no tocante ao valor geral de *inclusão*, totalizando somente 14 ocorrências. A fim de ilustrar as ocorrências dos valores semântico-pragmáticos listados na tabela anterior, apresentamos os dados (14) e (15) cujos valores atestados são os de *inclusão de argumento* e o de *inclusão e propulsão*, nessa ordem.

14. Porém, ainda não sabemos como concluir um trabalho que trata de poesia, que trata de algo que tem o tempo da eternidade, sem começo e fim, sendo o meio, o caminho, uma eterna travessia. A poesia só acaba no horizonte, mas, se o horizonte se afasta à medida que tentamos nos aproximar, onde acaba a poesia? Não acaba, **aliás**, a arte nunca acaba. É a interminável música de que fala Cecília Meireles. Escrever sobre poesia é trabalho hercúleo, que exige desapego. (VAZ, Dissertação/UFRJ, 2015, p. 105)
15. (...) onde o indivíduo é cindido pela religião em corpo físico e alma, como nos Órficos e Pitagóricos e a da ciência, da qual apenas participa de um modo diletante e pragmático, pelo que ela traz de benefícios para sua existência, é o sujeito fragmentado por excelência, diferente dos fraturamentos sintáticos de Fiama, **aliás** estes, buscam exatamente o antídoto. A chama originária de Fiama não pertence ao espectro da racionalidade Ocidental, clareando a visão civilizatória. (SARAIVA, Tese/UFRJ, 2015, p. 72)

O dado (14) ilustra a instanciação de *aliás* introduzindo um argumento, sob a forma de oração paratática, que generaliza o enunciado anterior, direcionando o entendimento do interlocutor para o fato de que “a arte nunca acaba” e, sendo a poesia uma forma de arte, ela também nunca acaba.

Em (15), *aliás* instancia-se entre duas orações, promovendo a articulação entre ambas. Contudo, esse item linguístico, além de introduzir argumento, retoma parte do enunciado da primeira oração com o termo “estes”, que se refere ao termo “fraturamentos de Fiama”, reforçando a ideia nele contida, buscando justamente o oposto de “é o sujeito fragmentado por excelência”. Nessa instanciação, *aliás*, ao lado de “estes”, tem a função anafórica encapsuladora, nos termos de Koch (2002, *apud* LOPES, 2011), retomando, parte da declaração anterior, sumarizando-a. Ademais, o encapsulamento do termo pertencente ao segmento precedente sintetiza-o, além de torná-lo objeto-de-discurso, segundo Koch (2015).

4.6. Aliás em posição parentética

Por fim, vejamos *aliás* em posição parentética, ou seja, quando utilizado de forma isolada por pontuação específica – colchetes, parênteses ou travessão. Nessa posição, as análises demonstram que há somente um único valor semântico-pragmático possível, contando com 28 ocorrências. Todos os usos de *aliás* inclusivo parentético veiculam o valor de *inclusão e realce de argumentos*. O dado (16) exemplifica essa instanciação:

16. Além disso, em Evocações é recorrente o narrador de terceira pessoa, o que, a nosso ver, constitui outro índice possível de refluxo da naratividade. Obviamente, não queremos defender o absurdo de que o Simbolismo não tenha explorado o foco narrativo externo (**aliás**, fê-lo com bastante frequência), tampouco o de que não tenha investido na primeira pessoa. (VASCONCELOS, Tese/UFRJ, 2014, p. 240)

Em (16), *aliás* introduz um argumento a mais, sob a forma de uma oração de valor explicativo, interpolada, com o propósito de ressaltar o enunciado que foi interrompido e, dessa forma, ratificá-lo, antes de prosseguir o discurso. O autor do texto utiliza a forma parentética como estratégia de focalização, ao introduzir uma informação independente, mas que complementa o enunciado.

Castilho (2016, p. 687) conceitua a parentetização como uma estratégia utilizada na construção do texto, que se caracteriza pela “inserção de informações complementares ao tópico discursivo em desenvolvimento, de modo que esse tópico é brevemente interrompido”. É o que ocorre em (16), já que a oração introduzida por *aliás* funciona, de fato, como uma informação complementar.

Ao concluir esta análise de dados, constatamos a existência de três diferentes valores semântico-pragmáticos de *aliás*, com foco na noção geral de *inclusão*: *inclusão de argumento*, *inclusão e propulsão* e *inclusão e realce*. O total de 214 ocorrências coletadas também permitiu a comprovação do uso de *aliás* em seis diferentes posições. Dessa forma, fica comprovada a maleabilidade e a multifuncionalidade de *aliás* para além do que preconizam as gramáticas tradicionais, que o restringem a advérbio ou palavra denotativa, que é um rótulo genérico, apartado das tradicionais classes de palavras, sem caracterização definida. De fato, *aliás* é um termo de uso complexo que amalgama tanto um comportamento de circunstanciador como de conector.

Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi realizar um estudo funcional de *aliás*, com base em aspectos morfossintáticos (no caso, a posição do elemento no discurso) e em seus valores semântico-pragmáticos, compreendidos na noção geral de *inclusão*, com o fim de confirmar a nossa hipótese central de sua multifuncionalidade.

Ao chegarmos a estas considerações finais, após a investigação realizada, de fato, é possível comprovarmos a hipótese enunciada, haja vista os usos sintáticos e semânticos anteriormente atestados na língua em uso.

Com a realização desta pesquisa, sob o viés da LFCU e com suporte teórico da LT, constatamos que o comportamento de *aliás* não se restringe ao que é tradicionalmente postulado. Afinal, os usos de *aliás* inclusivo são abundantes, indo muito além de um valor puramente retificador.

Tomando como ponto de partida o *corpus* selecionado, cujos textos são de sequências argumentativas, do domínio acadêmico, constatamos que *aliás* tem a função de operador argumentativo (cf. KOCH, 1993, 2015a) ou operador discursivo (cf. SAVIOLI; FIORIN, 2001) em 100% de seus usos, oscilando entre circunstanciador e conector, revelando-se um elemento híbrido, em ‘movimento’ na língua.

Concluimos, à luz da LFCU, que uma categorização tradicional para *aliás* não é algo adequado, tendo em vista sua real versatilidade e multifuncionalidade. De fato, *aliás* flutua entre categorias e, por consequência, contrai variados valores semânticos, o que corrobora nosso ponto de vista, calcado em uma visão gradiente de gramática.

Confirmamos também que as funções atestadas para *aliás* coadunam-se com o que a literatura apresenta para os operadores argumentativos, já que serve para introdução de argumento decisivo, resumo de argumentos anteriores, ratificação de argumentos e generalização ou ampliação de argumentos.

Antes de concluirmos este artigo, vale ressaltar que a escassez de bibliografia sobre *aliás* faz com que a investigação desse objeto seja um grande desafio. Esse é um dos fatores, inclusive, para a nossa plena ciência de que ainda há um longo caminho a ser percorrido, com vistas a uma descrição mais completa e pormenorizada de *aliás*, ainda um elemento proscrito em nossa teoria gramatical, alvo de muitos dissensos. Entretanto, com esta pesquisa, esperamos ter contribuído para que um passo tenha sido dado nessa grande seara.

Referências bibliográficas

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, F. da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. v.1. São Paulo: Saraiva, 1963.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. FURTADO DA CUNHA, M. A. (trad.); GONÇALVES, S. C. L. (revisão técnica). São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª. ed., 4ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSTA, A. **Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa**. 3ª. ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1967.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DECAT, M. B. N. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. In: **Calidoscópico**, vol. 8, n. 3, p. 167-173, set/dez 2010.
- DUCROT, O. Argumentação e ‘*topoi*’ argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6. ed., Curitiba: Publifolha, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: **Manual de linguística**. MARTELOTTA, M. E. (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. In: **Revista do GELNE**, Natal/RN, vol. 15 Número Especial: 53-78. 2013.
- HOUAISS, A. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 6. ed., São Paulo: Contexto, 1993.
- _____. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. **Alfa**, São Paulo, 41: 67-78, 1997.
- _____. **Argumentação e linguagem**. 13. ed., São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed., São Paulo: Cortez, 2015a.
- _____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2015b.
- _____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

- LOPES, M. G. Encapsulamentos semânticos em perspectiva discursivo-funcional. In: **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed., v. 1 (a-b). Livros Horizonte: 1977.
- MARCHON, A. H. O processo concessivo: o paradoxo entre neutralidade e argumentação em textos jornalísticos informativos. In: **Argumentação**: um estudo da macro e da microestrutura textual. GOUVÊA, L. H. M. (org.). Letras/UFRJ, 2014.
- NEVES, M. H. de M. Funcionalismo e linguística do texto. In: **Revista GEL**. V. 1, 2004. (<https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/292>). Acesso: junho/2018.
- OLIVEIRA, M. R. de. Contexto: definição e fatores de análise. In: **Linguística centrada no uso: teoria e método**. OLIVEIRA, M. R. e ROSÁRIO, I. C. (orgs.). 1ª. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.
- OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. In: **Matraga**, v.16, n. 24, Rio de Janeiro, jan./jun. 2009.
- ROSÁRIO; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>
- SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Manual do candidato: português**. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001. In: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acesso: junho/2018.
- SOUSA, G. C. de. Motivações pragmático-discursivas: definição e fatores de análise. In: **Linguística centrada no uso – teoria e método**. OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.
- SOUZA, T. B. **Conectivos coordenativos portugueses**: por um estudo do sentido no universo textual. 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2008.
- TORRINHA, F. **Dicionário latino-português**. Gráficos Reunidos LDA. – Porto.
- TORRINHA, F. **Dicionário português-latino**. 3. milhar. Domingos Barreira, editor. Livraria Simões Lopes – Pôrto, 1939.

Recebido em 20 de setembro de 2019.

Aceito em 5 de dezembro de 2019.